



Caderno de Especificações para a Certificação



Felgueiras

MUN. CÍPIO DE FELGUEIRAS



FICHA TÉCNICA

Estudo e textos:

Graça Ramos
Pedro Rêgo

José Ribeiro
Divisão de Cultura – Gabinete de Arqueologia

PORTUGAL
à mãe



Fotografia:

Graça Ramos
Elisabete Soares
José Ribeiro

Design de logótipo:

Delfim Santos



Agradecemos a todas as artesãs do filé de Felgueiras que muito contribuíram para a execução deste documento.

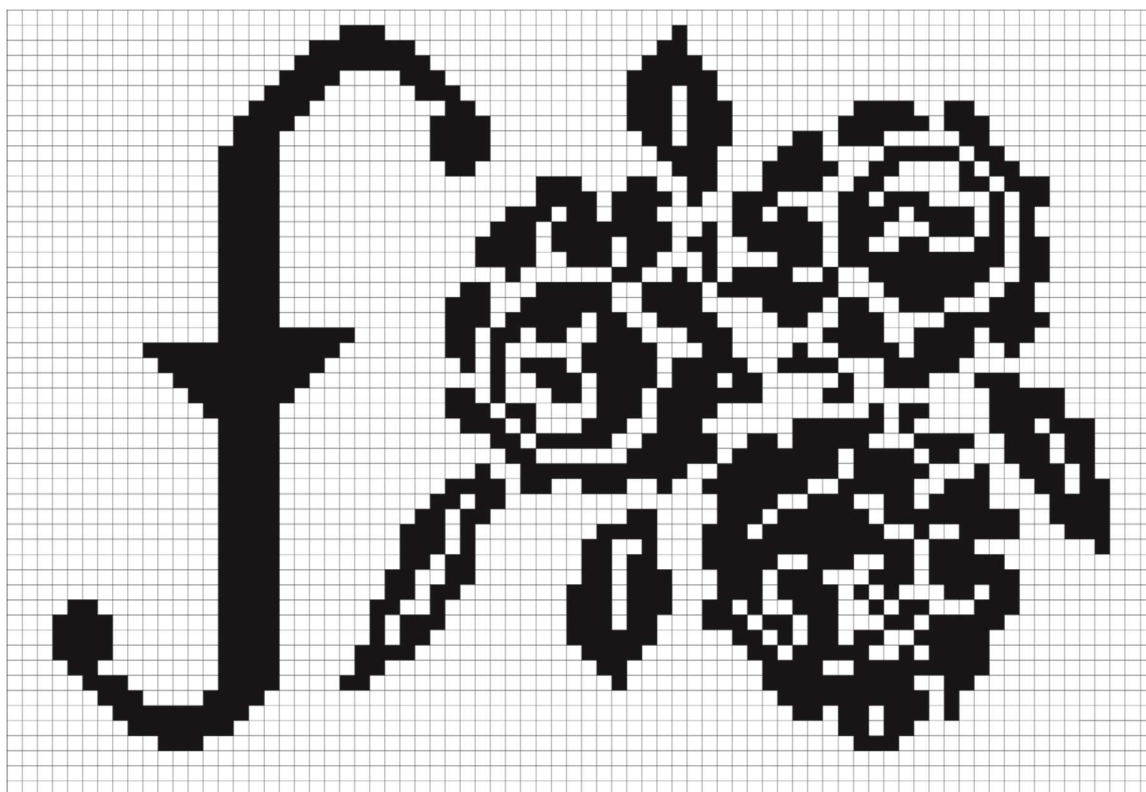
INDICE

1. Nome do produto e respetivo logótipo (marca de indicação geográfica)	4
2. Referenciais histórico-geográficos que contextualizam a ocorrência e a continuidade da produção.....	6
2.1 Breve introdução histórica	6
2.2 A renda de filé em Felgueiras	7
2.2.1 As pioneiras	8
2.2.2 Os “ateliers”	9
2.3 O retrato atual	12
3. Delimitação geográfica da área de produção.....	14
4. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas.....	16
5. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamento auxiliares.....	17
5.1 Filé: renda ou bordado?.....	17
5.2 Descrição do modo de produção e técnica	17
5.2.1 A rede	19
5.2.2 O “bordado”	20
5.2 Ferramentas e equipamentos.....	
6. Identificação das principais características físicas dos produtos.....	24
6.1 Pontos utilizados.....	24
6.2 Motivos	29
7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto.....	38
Bibliografia.....	41

1. Nome do produto e respetivo logótipo (marca de indicação geográfica)

O Filé de Felgueiras é um produto artesanal único, com uma imagem forte e singular facilmente identificável no conjunto dos têxteis artesanais portugueses. Trata-se, no essencial, de uma renda/bordado executado sobre uma rede (em francês, filet), rede essa também artesanal e presa numa moldura onde os fios são esticados. Esta rede constitui o suporte onde posteriormente o “bordado” é executado, como se fosse um crivo.

Refletindo essa imagem característica, o logótipo desenvolvido para identificação da indicação geográfica e da denominação de venda do produto é o que a seguir se apresenta: sobre uma rede (quadrícula) aparece “bordado” um dos motivos mais emblemáticos desta produção artesanal tradicional no território de Felgueiras - as 3 rosas, que juntamente com o f de filé e de Felgueiras faz a associação dos aspetos mais identitários da produção.





2. Referenciais histórico-geográficos que contextualizam a ocorrência e a continuidade da produção

2.1 Breve introdução histórica

O filé é uma arte têxtil produzida na Europa ocidental desde, pelo menos, a idade média, distinguindo-se por utilizar uma rede que serve de suporte a um padrão ou desenho que é cerzido na sua superfície. Diga-se, aliás, que o termo *filet*, em francês, designa precisamente uma rede.

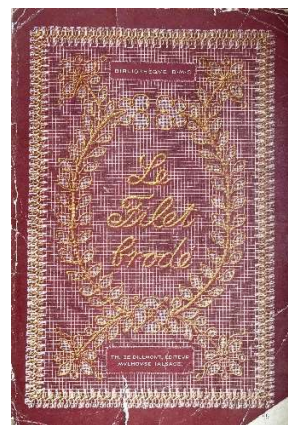
Segundo alguns autores (Carità: 1909), o filé era conhecido no século XIV por "*Opus Araneum*" (trabalho de aranha), sendo produzido por uma elite ligada às casas religiosas ou à nobreza, especialmente em países como Itália, França e Alemanha, mas também Portugal e Espanha.

As primeiras evidências documentais do trabalho sobre a rede, no entanto, surgem apenas em Veneza, no século XVI, mais precisamente em 1530, altura em que é impresso, pelas mãos de Giovanni Andrea Vavassore, o livro "*Opera Nova Universali Intitulata Corona di Racammi*". Em 1588, por sua vez, é impresso, em França, a primeira edição do manual "*Les Singuliers et Nouveaux Portraits (...)*", do veneziano Federico Venciole. Estas duas publicações contêm diversos desenhos e padrões para bordados efetuados sobre uma rede.

Segundo Pat Earnshaw (1980), aliás, foi apenas quando estes livros começaram a ser amplamente divulgados, no século XVI, que a renda de filé passou a ser produzida de forma mais regular, altura em que alcançou imenso sucesso, sobretudo em Itália e França, uma realidade cada vez mais evidente nos séculos seguintes. O facto de ser uma obra resistente, de grande durabilidade, suportando bem lavagens sucessivas, poderá também ter contribuído para a sua popularidade (Carità: 1909).

Este trabalho artesanal sobre rede foi especialmente enaltecido em França, sobretudo durante os séculos XVIII e XIX, consolidando-se como passatempo das elites femininas. A partir da segunda metade do século XIX este movimento irá adquirir uma feição ainda mais abrangente, apesar da ameaça protagonizada pela industrialização às atividades têxteis de âmbito artesanal, nomeadamente as rendas.

São inúmeros os exemplos de manuais, publicações e jornais com o tradicional "risco", originários especialmente da segunda metade do século XIX e início do século XX, altura em que foram editados muitos manuais e revistas dedicados ao filé, entre os quais merecem destaque as obras de Thérèse de Dillmont (1846-1890), tais como a "*Encyclopédie des ouvrages de dames*", editada em 1886 e contendo um capítulo inteiramente dedicado ao ensino da renda de filé, ou o livro "*Le Filet Brodé*", publicado em 1900 (na imagem).



Le Filet Brodé. Thérèse de Dillmont

2.2 A renda de filé em Felgueiras

As razões que fizeram de Felgueiras um território conhecido pela produção de filé, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, são desconhecidas. A tradição oral local recorrentemente coloca a origem



Mosteiro do Pombeiro - Felgueiras

desta atividade artesanal no século XVIII, sob a égide do Mosteiro de Santa Maria do Pombeiro. Na documentação pesquisada neste cenóbio, contudo, não se identificou nenhuma referência direta ou indireta a esta atividade artesanal, encontrando-se referência a peças de linho e de estopa, entre os quais se destacam as toalhas de altar, sem, contudo, se adiantar o modo como foram produzidas.

Outros testemunhos fazem remontar a origem do filé no concelho a uma(s) senhora(s) brasileira(s) que teriam vindo viver para esta região, trazendo consigo a arte. As memórias das inquiridas, contudo, são muito vagas, não se descortinando a condição social destas senhoras nem tão pouco onde se teriam estabelecido. Sabe-se, no entanto, como as freguesias de Jugueiros e Margaride foram importantes núcleos de emigração para o Brasil, tendo-se assistido ao regresso de muitos emigrantes (os chamados "brasileiros") a estas localidades em meados do século XIX.

Independentemente das razões específicas e pontuais que explicam o surgimento de um forte núcleo de produção de filé em Felgueiras, este não pode ser dissociado do contexto de grande popularidade que esta arte têxtil teve na Europa na segunda metade do século XIX.

É em inícios do século XX, aliás, que começam a aparecer evidências da importância de alguns núcleos de produção de filé pertencentes ao atual concelho de Felgueiras, nomeadamente o de Pombeiro. A mão de obra existente era então composta essencialmente por mulheres que haviam aprendido o saber junto de algumas mestras, senhoras de algum estatuto social que dominavam o saber fazer do filé com objetivos puramente recreativos.

Contudo, existiam também pessoas que aprendiam a fazer filé em casa, por transmissão familiar, assim como na catequese, como aconteceu a certa altura às meninas de Jugueiros, ou mesmo em ambiente escolar. Refira-se que a aprendizagem iniciava-se, por norma, entre os 10 e os 12 anos de idade, havendo contudo mulheres que aprendiam apenas depois de casar, muitas vezes por terem ficado sem outro tipo de ocupações.

2.2.1 As pioneiras

É, portanto, na primeira metade do século XX, que surge um conjunto de mulheres que podem ser adjetivadas de "pioneiras" do filé de Felgueiras, ou seja, artesãs que contribuíram para a disseminação desta atividade artesanal, dando-lhe visibilidade regional, nacional e mesmo internacional.

Laura de Oliveira, mais conhecida por "Laurinha do Barroco", é uma dessas mulheres. Nascida em 1898, no lugar da Trofa (Pombeiro), é considerada, pela memória coletiva local, como a primeira mulher a comercializar o filé. Desconhece-se com exatidão a data em que terá iniciado essa atividade. Acredita-se, contudo, e com base em testemunhos orais, que tal tenha ocorrido durante a década de 20 ou 30 do século XX, altura em que trabalhava como caseira na Casa da Torre, em Serzedo (Guimarães), só mais tarde se fixando na Trofa (em Pombeiro, na casa dos pais), sendo este último o atelier que ainda reside na memória das gentes desta região. De referir que tanto a Casa da Torre como a casa de família na Trofa ficavam situadas à face da atual estrada nacional nº 101 que liga Guimarães a Felgueiras, podendo este facto ter facilitado a comercialização da produção.

Albina Vaz Vieira, filha de proprietários e nascida no lugar do Assento (Jugueiros) em 1901, é outra das personagens mais antigas conhecidas ligada à produção e comercialização de filé, tendo aprendido esta arte têxtil com uma mestra de Pombeiro. É de referir, neste contexto, que também as suas irmãs, Josepha, Rosa, Emília e Valentina, se dedicavam à manufatura de filé. A mestra de Albina Vieira poderá ter sido Teresa de Leite Melo, nascida em 1886 no lugar de Vila Meã de Cima (Pombeiro) e que, tendo ficado viúva muito cedo, empenhou-se na produção e venda de filé para sustentar a família, possivelmente a partir das décadas de 20 ou 30 do século passado, mais ou menos ao mesmo tempo do

que Laura de Oliveira. Desconhece-se, porém, a data exata em que Albina Vaz Vieira iniciou a venda de filé, bem como o lugar onde se estabeleceu inicialmente. Sabe-se que casou em 1934 com Moisés Pinto de Carvalho, natural de Pombeiro, passando a residir, a partir de então, nessa mesma freguesia. Por sua vez, a sua mãe, Maria da Conceição da Cunha Freitas, possuía uma mercearia nas imediações do lugar do Assento (Jugueiros), junto a uma das serrações pertencentes à família.

Tendo em conta estes factos, e na ausência de informações mais precisas, podemos especular que Albina Vaz Vieira terá começado a comercializar filé ainda em Jugueiros, na venda da sua mãe, ou um pouco mais tarde, já em Pombeiro, depois de casada.

Entre a segunda e a terceira década do século XX, nascem mais duas personalidades importantes para o desenvolvimento do filé em Felgueiras: Aurora Rebelo Mendes, mais conhecida por Aurorinha das Crugeiras, e Maria Freitas Peixoto Dias, apelidada de Miquinhas Freitas.

Aurora Rebelo Mendes nasceu em Pombeiro, tendo montado o seu "atelier" no lugar do Monte, onde trabalhou até a sua morte. A localização deste "atelier", contudo, não era muito apelativa do ponto de vista comercial, não ladeando nenhuma via de circulação estruturante, estando situada numa zona com pouca visibilidade.

Maria Freitas Peixoto Dias, por sua vez, nasceu no lugar da Trofa (Pombeiro), não sendo possível determinar quem lhe ensinou esta atividade artesanal, acreditando-se, porém, que terá aprendido o saber fazer por volta dos 14 anos (Silva, 2006). Maria Freitas Peixoto Dias começou a comercializar filé a partir de um atelier montado no lugar da Trofa, negócio ao qual se junta, em meados do século XX, a sua própria irmã, Maria Aurora Freitas.

Esta última mudou-se em meados do século XX da Raposeira (Vila Fria) para a Trofa, onde viria a montar finalmente, com a ajuda financeira e logística da irmã, o seu atelier, estando este situado mesmo à face da atual estrada nacional 101. Esta casa viria a ter uma importância extraordinária na divulgação e comercialização do filé na segunda metade do século XX, tendo passado nos anos 90 para a mão de Elizabete Soares, uma artesã ainda hoje em atividade, embora sem ligações atualmente ao referido "atelier" da Trofa.

2.2.2 Os "Ateliers"

Historicamente, os "ateliers" de produção e venda de filé foram-se fixando, preferencialmente, nas margens da estrada nacional n.º 101, uma artéria que liga Braga a Felgueiras, passando por Guimarães, e

que entronca, no lugar do Alto da Lixa, com a Estrada Nacional 15, importante via de ligação de Trás-os-Montes à cidade do Porto. Estas estradas constituíram-se como uma infra-estrutura fundamental para a divulgação e escoamento comercial do filé, num movimento parecido com aquele protagonizado pelo bordado das Terras de Sousa, uma arte têxtil de grande importância histórica para a economia da região.



Fotografia: <https://trajesdeportugal.blogspot.com/2007/12/bordados-de-fil-felgueiras-douro.html>

Neste sentido, o filé de Felgueiras foi adquirindo importância, ao longo do século XX, em algumas freguesias por onde passa a Estrada Nacional nº 101, ou em algumas vias secundárias àquela, nomeadamente, e como vimos atrás, em Pombeiro, mas também em Jugueiros, Vila Fria, Margaride, Sousa, Torrados, Varziela, Penacova, Lagares, Serzedo (Guimarães) e S. Bento das Peras (Vizela).

Estes "ateliers" de venda e produção de filé não eram mais do que a casa de habitação com um espaço de venda ao público e uma área de fabrico. A área de fabrico, normalmente, ocupava os anexos da habitação, sendo este o espaço consagrado à criação artística, local onde se elaborava o risco ou as amostras, e onde se confeccionavam as peças de maiores dimensões.

Usualmente a área de fabrico era utilizada apenas pela proprietária e uma eventual funcionária, para a elaboração dos referidos riscos ou amostras. Esporadicamente, no caso de as encomendas exigirem peças de maiores dimensões, eram chamadas bordadeiras para trabalhar no "atelier", em jornas de um dia ou a tempo parcial.

Com o aumento da procura do filé, as proprietárias dos "ateliers" tornaram-se em angariadoras de mão de obra, de forma a satisfazer todas as encomendas e dar resposta à procura do mercado. A existência de famílias numerosas e a pouca oferta de trabalho, contribuíram para o crescimento da mão de obra disponível.



Fotografia: <https://media.rtp.pt/praca/videos/bordados-fil-tesouros-oriaem-portuauesa/>

A produção de filé começou assim a depender de uma verdadeira cadeia operatória. O fabrico das redes, que serve de suporte ao bordado, era contratado a redeiras que as produziam nas suas próprias casas, tal como o bordado das peças de menores dimensões era contratado a bordadeiras que trabalhavam a partir dos seus domicílios.

Muitas vezes, a relação laboral entre redeira / bordadeira com a proprietária do ponto de venda não era direta, havendo intermediárias que iam granjeando entre a vizinhança mão de obra para a satisfação das encomendas que os "ateliers" recebiam.

Com o passar do tempo, algumas bordadeiras e redeiras que trabalhavam para intermediárias passaram a procurar diretamente as donas dos pontos de venda, garantindo assim mais algum dinheiro, essencial para o seu dia a dia.

Frequentemente, a matéria-prima, ou seja, o algodão, era fornecida pela proprietária do "atelier" à intermediária, que, por sua vez, distribuía pelas "suas" bordadeiras, ou então diretamente às bordadeiras que trabalhavam para si. Não raras vezes, os bastidores também eram fornecidos diretamente, numa espécie de empréstimo, tendo em conta as necessidades das encomendas. Contudo, era usual as bordadeiras terem o seu próprio bastidor que poderia variar de dimensão, sendo os mais comuns de 1 m a 2 m quadrados, já que se destinava a bordar nos espaços exíguos das suas habitações.

Como referimos, nos "ateliers", espaço criativo por excelência, delineava-se o risco (desenho), assim como a elaboração das amostras. Raramente o risco, feito em papel quadriculado, era fornecido diretamente às bordadeiras, sendo o mais usual entregar-lhes uma amostra com a morfologia dos pontos e motivos decorativos a ser empregues na peça.

Deste modo, pode-se dizer que na oficina dos "ateliers" praticava-se um bordado criativo, reinventando-se frequentemente desenhos e pontos ao gosto dos clientes. Já as peças elaboradas nas casas das bordadeiras eram fruto de um trabalho de reprodução, limitando-se estas a copiar a morfologia e os pontos das amostras que lhes eram fornecidas pelas proprietárias dos "ateliers".

Apesar de constantemente empregarmos o feminino quando falamos desta atividade artesanal, há referências concretas a homens que se dedicaram a esta arte têxtil, não sendo assim uma atividade exclusiva das mulheres. Como já referimos, o filé é tradicionalmente produzido num sistema doméstico e rural, organizando-se em volta do próprio agregado familiar, numa unidade produtiva doméstica na qual a colaboração dos elementos masculinos não era desprezada. Assim, e para além de poderem fazer a

rede e bordar, quando o volume de trabalho a isso os obrigava, a contribuição masculina poderia traduzir-se também na confeção dos bastidores de madeira, apesar deste trabalho poder também ser contratado a carpinteiros locais.

O trabalho dedicado ao filé era realizado de modo parcial e entremeado muitas vezes com a prática agrícola ou outra atividade profissional, no sentido de compor o orçamento familiar.

A comercialização do filé produzido em Felgueiras tinha como destino preferencial o grande Porto, mas também era vendido noutras zonas do país mais distantes, como o Algarve, por exemplo, chegando mesmo a ser exportado para outros países, como o Brasil.

No que respeita à exportação do filé além fronteiras, merece destaque o trabalho efetuado por Valentina Vaz Vieira, uma mulher que, apesar de nunca ter sido proprietária de um "atelier", fazia encomendas de trabalhos às bordadeiras locais, que depois comercializava, deslocando-se com esse objetivo ao Algarve e ao Brasil, por exemplo.

2.3 O retrato atual

Apesar de ainda haver em Felgueiras redeiras e bordadeiras, o facto é que são muito poucas aquelas que se dedicam à comercialização da sua produção, por não entenderem que seja suficientemente rentável em termos económicos. Foi esta a razão, aliás, que levou a que muitas mulheres deixassem de se dedicar ao filé.

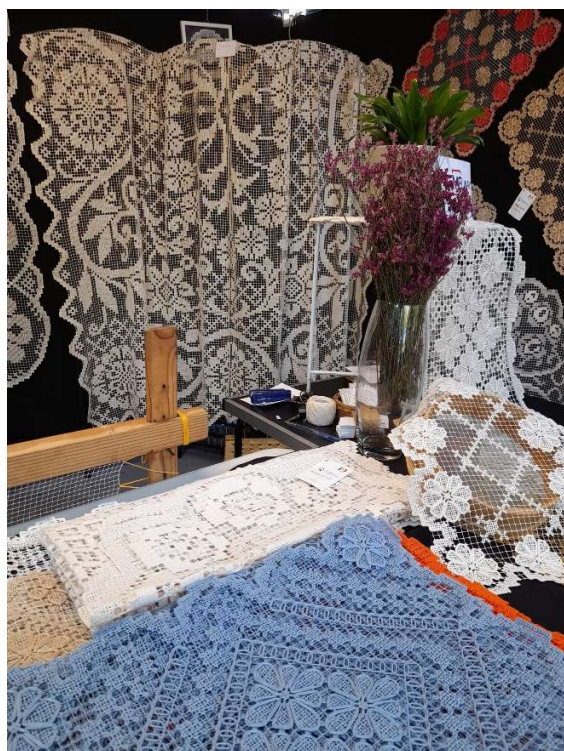
Para as mulheres que ainda o produzem e comercializam, o filé serve sobretudo como um complemento à reforma, ou a outra atividade a que as artesãs eventualmente se dediquem.

De facto, a industrialização e o progressivo crescimento urbano que se testemunharam no século XX, em Portugal, acompanhado de uma alteração radical do papel social da mulher, levaram a uma diminuição drástica do número de mulheres dedicadas à produção do filé, num processo semelhante ao ocorrido noutros centros de produção têxtil, como aqueles dedicados à produção de rendas de bilros ou de bordados, por exemplo. As artesãs, quando não emigravam, arranjavam facilmente trabalho nas fábricas de calçado ou têxtil, o que lhes garantia um rendimento certo ao fim do mês. De facto, o trabalho mal remunerado do filé, ainda por cima sujeito às oscilações do mercado, não garantia a estabilidade económica e social necessária para as bordadeiras e redeiras, ao contrário do que acontecia com as fábricas, que garantiam salário e horários previsíveis.

As alterações trazidas pelo século XX também se estenderam ao mundo da moda, que ditou uma redução do espaço ocupado por este tipo de trabalho artesanal, tanto na roupa como nas alfaías domésticas. A pouca procura tornou inevitável o decréscimo do número de artesãs.

Outro fator que em muito contribuiu para o declínio desta atividade artesanal foi a construção de novas vias de comunicação, especialmente as autoestradas, que retiraram muito movimento à velha estrada nacional que ligava Guimarães a Felgueiras, e que servia de montra para o filé de Felgueiras

Atualmente, portanto, vive-se uma situação algo precária no que à produção do filé diz respeito. No entanto, o filé mantém-se como um elemento importante da memória coletiva e da identidade de muitos lugares e freguesias de Felgueiras. A comprová-lo estão as histórias e os relatos das bordadeiras e redeiras do filé, contundentes no que toca ao orgulho que têm na sua arte e no modo como ela marcou de modo indelével as suas vidas.



Stand da artesã Elisabete Soares em Feira de Artesanato

Apesar desta realidade, é preciso acautelar o seu futuro, sendo o presente caderno de especificações uma oportunidade de alterar a dinâmica decrescente, quanto ao número de artesãs, dos últimos anos.

O processo de certificação do Filé de Felgueiras poderá constituir o motor de recuperação e desenvolvimento desta atividade artesanal na região, proporcionando condições para que a produção alcance um plano economicamente viável, evitando o seu desaparecimento e incitando à sua prática como atividade valorizada, requalificada e diferenciada.

3. Delimitação geográfica da área de produção

Se atentarmos na localização tradicional da produção de filé em Felgueiras – freguesias de Pombeiro, Vila Fria e Lagares, principalmente, e Margaride, Jugueiros, Sousa, Torrados, Varziela e Penacova, facilmente se percebe que o filé poderá ter usufruído da sua localização geográfica privilegiada nas imediações da estrada nacional n.º 101, artéria que liga Braga a Felgueiras, passando por Guimarães, e que entronca, no lugar do Alto da Lixa, com a Estrada Nacional 15, importante via de ligação de Trás-os-Montes à cidade do Porto, o que potenciou o seu desenvolvimento.



No entanto, sabe-se hoje que a realidade é diferente e que a produção está vinculada a Felgueiras e não especificamente a uma ou outras freguesias. Igualmente, a diminuição da importância das vias de comunicação mencionadas (com a construção de autoestradas que não atravessam os centros urbanos) fez com que este facto deixasse de ser relevante na disseminação e fixação de bolsas de artesãos do filé, já que atualmente a comercialização se faz através de outros e inúmeros meios (presença em certames de artesanato, venda em lojas, vendas on-line).

Assim, somos de opinião que a certificação do filé de Felgueiras deverá ser aplicada à produção de todo o concelho de Felgueiras. Desta forma, será possível que pessoas de todas as freguesias (e não apenas das que tradicionalmente têm ligações a esta arte) abracem a produção do filé e possam ver as suas peças certificadas, caso as mesmas estejam dentro dos parâmetros técnicos e estéticos exigidos neste caderno de especificações para esta produção artesanal tradicional. Este alargamento da área de produção a todo o concelho, não só garantirá a manutenção e desenvolvimento desta arte tradicional, como a tornará mais apetecível e viável, incrementando e promovendo a sua produção e valorizando as suas produtoras. Este facto possibilitará ainda uma ação formativa direcionada a camadas mais jovens de todo o território do concelho de Felgueiras, que aponte novas direções e introduza uma abordagem de design contemporâneo inovadora, sem, contudo, descaracterizar a produção.

4. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas

A matéria-prima usada na produção do filé de Felgueiras (quer na rede, quer no bordado) é o fio têxtil, de grossuras variadas. Atualmente, usa-se preferencialmente o fio de algodão mercerizado, mas também se pode utilizar o linho, a seda ou fios sintéticos (sobretudo os metalizados).

A espessura do fio pode-se situar entre o nº 100 (para trabalhos mais finos e miúdos) e o nº 12 para trabalhos mais grosseiros e de desenho menos pormenorizado. Também se utilizam os fios nº 8 e 5 para fazer os contornos, realçando alguns motivos.



Exemplos de trabalhos em Filé executado pela artesã Elisabete Soares

5. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamentos auxiliares

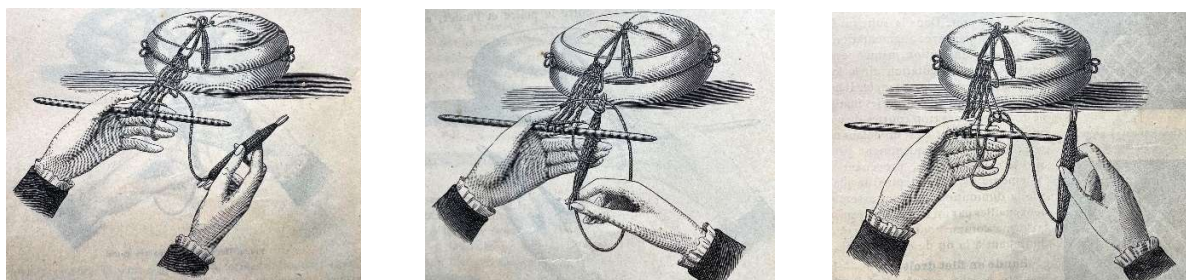
5.1 Filé: renda ou bordado?

Quando nos referimos ao filé, não existe consenso sobre a sua classificação: se se trata de uma renda ou de um bordado. Inclusive, no repertório das atividades artesanais portuguesas, o filé aparece inserido na categoria dos artigos têxteis – rendas. Contudo, e considerando-se “bordado” todo o trabalho executado por meio de uma agulha sobre um suporte pré-existente (sendo o mais comum o realizado sobre tecido), é-nos difícil não integrar o filé nesta atividade artesanal pois ele é executado sobre um suporte pré-existente - uma rede, sendo essa sua característica peculiar.

Pensamos que a confusão se instala, pois, são necessários dois processos para a execução do filé: primeiro, a confecção de uma rede ou malha (renda, ponto de nó) e, segundo, o preenchimento dessa malha com variadas combinações de pontos (bordado). Após a confecção da rede, ela é esticada numa moldura de madeira ficando, assim, pronta a receber o trabalho bordado que dará forma ao filé. O trabalho é, portanto, realizado em duas etapas: a construção da rede e o preenchimento da mesma com pontos bordados.

5.2 Descrição do modo de produção e técnica

O termo «filé» é derivado do termo francês *filet*, que significa rede. Na renda de filé, o primeiro passo é precisamente a construção de uma rede sobre a qual posteriormente vão ser aplicados os pontos. A rede é formada cruzando-se uma série de fios e atando-se um nó em cada uma das suas intersecções (daí a também conhecida designação de ponto de nó ou rede de nó), processo que resulta na formação de uma rede quadriculada. Esta rede, composta, portanto, por muitos quadrados, é a base na qual vão ser “desenhados” ou “bordados” os motivos por parte da rendilheira/bordadeira. O tamanho da rede e dos próprios quadrados varia conforme a intenção final da artesã.



Desenhos retirados de "Le filet brodé" de Th. de Dillmont (pág 5-7)

O desenho é produzido através da passagem de um fio, com a colaboração de uma agulha, por entre os quadrados, conseguindo-se a obtenção de um motivo através do preenchimento de certos quadrados, com uma série de pontos, e deixando vazios outros, conforme o objetivo gráfico que se pretenda atingir.

Em Felgueiras, em particular, existiam as mulheres que faziam as redes quadriculadas, chamadas redeiras, e as mulheres que bordavam, tal como elas mesmo dizem, ou seja, as rendeiras/bordadeiras. A moldura de madeira, ou bastidor, era propriedade das rendeiras. Quando recebem a rede, cujo tamanho varia conforme a intenção, seguram-na ao bastidor (que é de tamanho regulável através de um sistema de encaixes), em dois lados, através de pregos, e através de fios, chamados linhões, nos dois lados restantes. Os linhões permitem esticar a rede ao gosto da artesã. O material do fio é o algodão, que pode ser mais grosso ou fino conforme o trabalho.



Detalhe de fotografia retirado de <https://trajesdeportugal.blogspot.com/2007/12/bordados-de-fil-felgueiras-douro.html>

Quando o trabalho se encontra concluído remove-se a rede do bastidor, soltando-a dos pregos e desapertando-se os linhões. Posteriormente, já com a rede na mão, utiliza-se uma tesoura para recortar o motivo pelos seus contornos, separando-o assim, de forma definitiva, da restante rede que não foi utilizada. Em Felgueiras a renda de filé é utilizada predominantemente para a feitura de toalhas de altar, cortinas, colchas, jogos de quarto ou *naperons*.

Atualmente, a mesma artesã faz todo o processo, desde a rede ao bordado e acabamentos.



Execução de trabalho em filé de Elisabete Soares

5.2.1 A Rede

As ferramentas ou utensílios e “mobiliário” necessário à elaboração da rede são a “agulha” ou lançadeira, o molde ou “ferrinho”, as costas de uma cadeira e um banquinho.

- Lançadeira ou “agulha”

A “agulha” ou lançadeira mais tradicional era elaborada a partir de arame espesso, para lhe garantir alguma rigidez, sendo-lhe espalmadas as duas extremidades com um martelo, ficando ambas no mesmo plano do arame. Seguidamente era realizado um corte com serra na parte central do espalmado, em ambos os lados, que era alargado com uma pequena lima de forma a obter um sulco razoável, formando assim duas espécies de pequenas “forquilhas” com dois dentes em cada extremidade. Este utensílio possuía cerca de 15 a 25 cm de comprimento, com uma secção que não ultrapassaria os 0.5 cm.

Era tradicionalmente feita pelo elemento masculino da comunidade ou núcleo familiar. Também podia ser feita em pau de sabugueiro ou com o reaproveitamento de uma vareta de guarda-chuva.

- Molde ou “ferrinho”

No início desta atividade artesanal, o molde para a elaboração da rede era em madeira ou de cana de junco que abundava nas margens dos rios e zonas de lameiros. Os homens do núcleo familiar ou da comunidade tratavam de elaborar, seleccionar e fornecer este utensílio às rendilheiras.

Mais recentemente, o molde começou a ser denominado por “ferrinho” já que era obtido através do reaproveitamento materiais pré-existentes (antenas de automóvel, pontas de ferros e tubos em cobre).

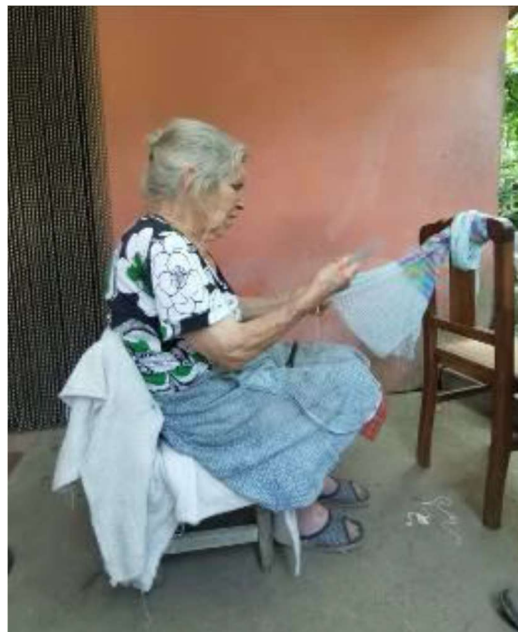
O molde ou “ferrinho” possui tendencialmente uma secção circular, com um diâmetro oscilante entre 0.5 e 1 cm, e um comprimento variável entre os 15 e os 20 cm.



*“Agulha” ou lançadeira, carregada com fio de algodão e
“Ferrinhos” ou moldes, reaproveitamento de uma antena*

Como “mobiliário” necessário à elaboração deste trabalho refira-se apenas uma simples cadeira, voltada de costas para a rendilheira e um banquinho que permitisse que a artesã se sentasse numa posição mais baixa em relação ao topo das costas da cadeira.

O último passo para a conclusão da rede ou filé compreende o processo de engomar a peça para lhe conferir maior rigidez. Segundo as rendilheiras e bordadeiras a rigidez da rede ou filé facilita a tarefa de a colocar no bastidor e cria melhores condições para a realização do bordado



Albina Costa em ambiente e no processo de produção da rede

5.2.2 O “bordado”

O tradicional filé de Felgueiras (localmente também designado por ponto de nó) passa por um processo moroso, que obedece a duas fases distintas, o fazer a rede e o bordar.

Apesar das redes possuírem quase sempre uma configuração quadrangular (também são, por vezes, retangulares), as peças podem assumir várias morfologias (circular, oval, etc.) e dimensões, e em cada rede podem realizar-se várias peças. Este facto evita o desperdício, reaproveitando-se ao máximo a rede, o que exige mestria por parte da bordadeira, que desde logo teria de possuir boas noções de matemática e geometria para o cálculo da superfície necessária para a elaboração da(s) peça(s) encomendadas. Para estes cálculos, era essencial que o centro de cada peça fosse previamente marcado com uma linha, e não raras vezes que o desenho da amostra ou do risco fosse inicialmente delineado na rede com linha, só depois se procedia a elaboração dos pontos que iriam preencher a área do motivo pretendido.

Para se realizar um bom bordado, cada motivo deve terminar onde foi iniciado, ou seja, no início da conceção do motivo deixa-se uma ponta maior de fio, borda-se a restante área do motivo e termina-se com a agulha no ponto inicial, sendo rematado com o nó de tecedeira.

Segundo algumas bordadeiras, para se garantir uma boa qualidade e belo efeito visual nos “bordados”, a linha da rede deveria de ser mais fina da que era usada no bordado, pois a linha mais espessa garantia mais volume e salientava-se da superfície, rede ou filé.

Após a elaboração da(s) peça(s) a rede é cortada pelos limites do seu desenho, sendo reaproveitadas por vezes, as pequenas parcelas sobrantes. Este reaproveitamento só é possível pela qualidade da técnica da rede utilizada, já que os nós empregues na sua conceção não se desfaziam facilmente.



Elisabete Soares executa trabalhos em filé de Felgueiras

A agulha e a tesoura, ferramentas essenciais para a bordadeira, eram adquiridas em pontos de venda locais. Outros elementos imprescindíveis à execução do filé são: o bastidor, as amostras e o risco.

- Bastidor ou moldura

Os bastidores eram usualmente elaborados por carpinteiros locais em madeira de pinho. Contudo, nos tempos mais recuados desta atividade artesanal, esta peça essencial para as bordadeiras era realizada por um elemento masculino do núcleo familiar ou vizinhança próxima.

Na sua elaboração são consideradas quatro ripas em madeira que compõem a base, o topo e as laterais do bastidor. As ripas da base e do topo - as móveis-, são ligeiramente mais espessas e sensivelmente mais curtas que as ripas laterais. Em ambas as extremidades de cada uma das ripas é rasgado um buraco, com a dimensão da secção das ripas laterais, pois é aí que elas vão encaixar. Nas ripas da base e do topo são usualmente pregadas umas tachas com um espaçamento equitativo, ficando o topo das tachas ligeiramente acima da superfície da ripa, de modo que se possa prender a rede e esta fique bem esticada e presa nas tachas. As artesãs designam este passo como “pregar a rede”.

As ripas laterais - as fixas -, possuem uma sequência de orifícios circulares que se desenvolvem de ambas as extremidades para o centro, com um espaçamento equitativo e ligeiramente maior que a largura das ripas da base e do topo. Estes orifícios circulares devem possuir um diâmetro que possibilite a colocação de um pequeno ferro ou prego. Estes orifícios servem para adaptar o bastidor ao tamanho da rede, fazendo com que as ripas de topo e de base, onde já está previamente “pregada” a rede, se possam

mover para cima e para baixo de forma que esta fique bem esticada e com a tensão certa para a realização do trabalho. Tendo-se dado a tensão vertical necessária à rede, procede-se à preensão lateral da mesma com um fio colocado em ziguezague entre os quadrados da rede e em volta das ripas, dando-lhe a maior tensão possível. Este processo de “pregar a rede” exige que a rede fique bem esticada e presa às ripas correspondentes, facilitando o trabalho da artesã. A mobilidade das ripas de topo e de base permite, nas peças de maiores dimensões, o trabalho com a rede enrolada, onde é bordada a parte superior da peça inicialmente e depois o restante. Este processo torna-se mais fácil quando a rede é presa nas ripas laterais com tachas. Depois procede-se ao desprendimento da rede, enrola-se até meio sensivelmente, ajusta-se a ripa de base ao meio da rede e volta-se a prender com o fio em ziguezague.

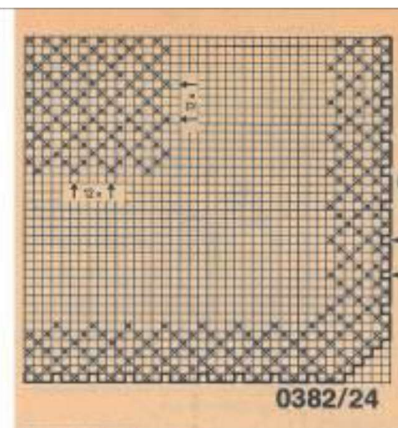


Bastidor ou moldura

- O risco e as amostras

O risco não é mais que uma folha de papel quadriculado, representando os quadrados da rede, onde são colocadas cruzes que dão a morfologia do desenho pretendido para o bordado.

O risco traduz-se em marcar previamente os quadrados que terão de ser tapados para se obter o desenho desejado, não sendo determinados os pontos que devem ser empregues em cada desenho. Por seu lado, a amostra, para além do desenho, tem especificado o tipo ponto a ser empregue em cada motivo decorativo.



Esquema ou risco da Revista Anna Burda de 1982 Modas & Lavores nº3 março. Verlag Aeene Burda, Offenburg, Germany

Antes do “bordado” propriamente dito, as linhas gerais do desenho da amostra ou do risco são passadas para a rede, delimitando-se com a agulha e o fio os limites da peça ou do motivo decorativo.

O início do trabalho pode ser efetuado pelo centro ou por uma das pontas, sendo usual as bordadeiras marcarem com um pequeno fio o centro da rede.

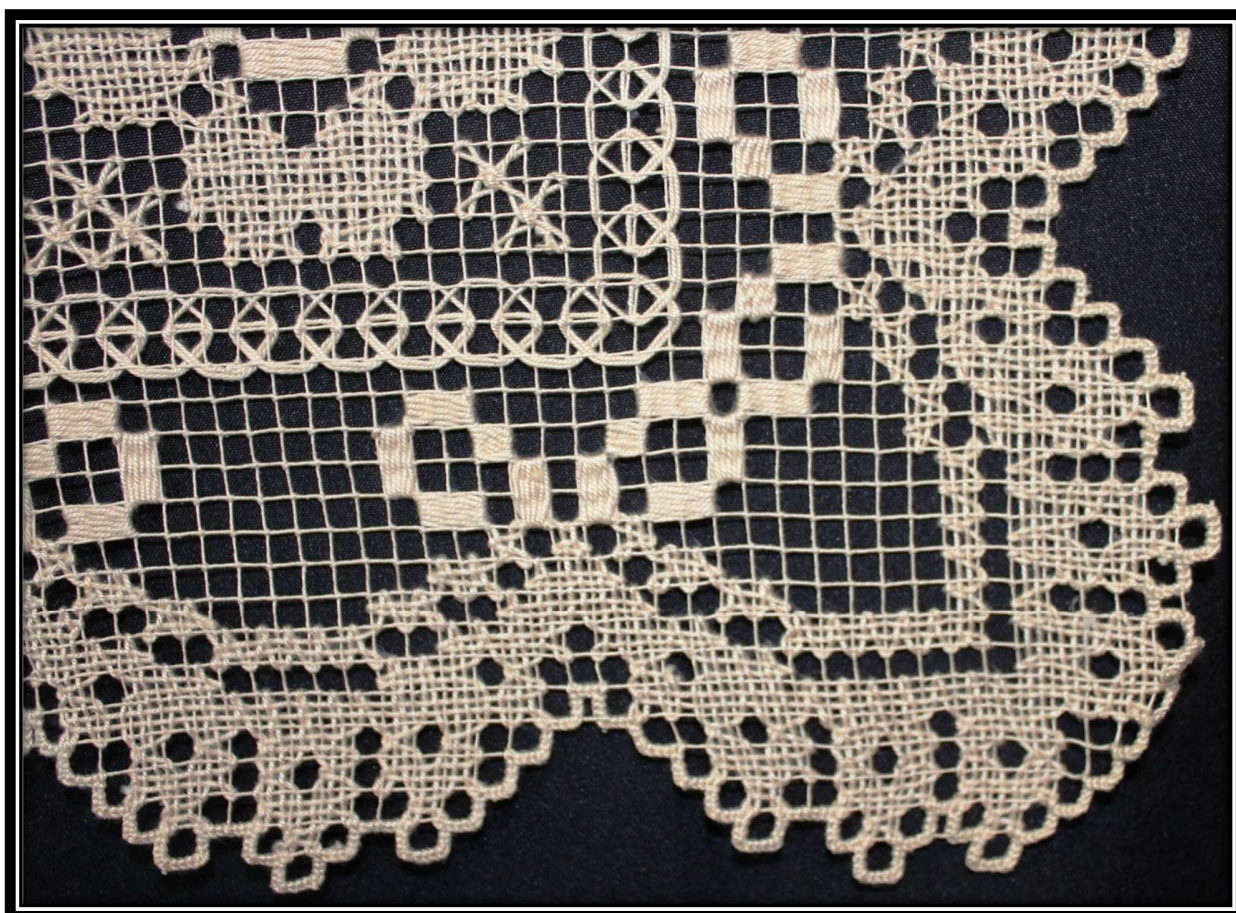
O filé de Felgueiras possui como principal característica a simetria das composições geométricas (quando o desenho ou motivo assim o permitem), ou seja, para uma peça quadrada por exemplo, o quadrado é dividido em quatro outros pequenos quadrados onde os desenhos e pontos se reproduzem, montando-se um grande desenho com quatro partes simétricas. Isto não é válido para os motivos mais elaborados que representam objetos, animais, ramos de flores, cestos de frutos, motivos religiosos, entre muitos outros.

6. Identificação das principais características físicas dos produtos

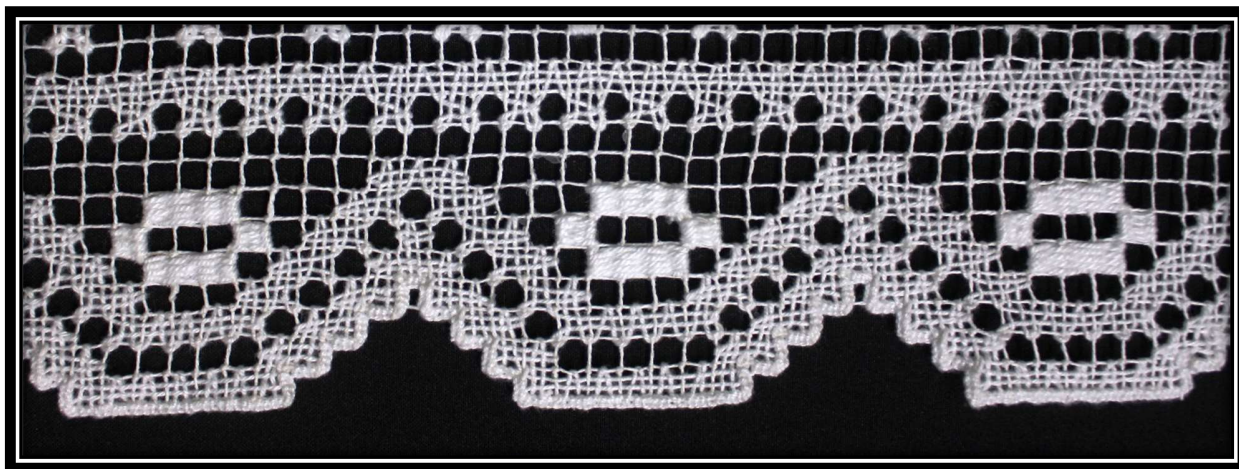
6.1 Pontos utilizados

Variam entre onze os pontos empregues recorrentemente no filé de Felgueiras: recorte, cheio, cerjido/cerzido (ou ponteadado), cercaduras, pipas, lérias (também chamadas postiços, revoltos ou revirados), russo, neve, tenerife, olho de rola e cruces. As nomenclaturas utilizadas localmente para designar os diferentes pontos variam, sendo que o mesmo ponto pode ter duas ou mais terminologias.

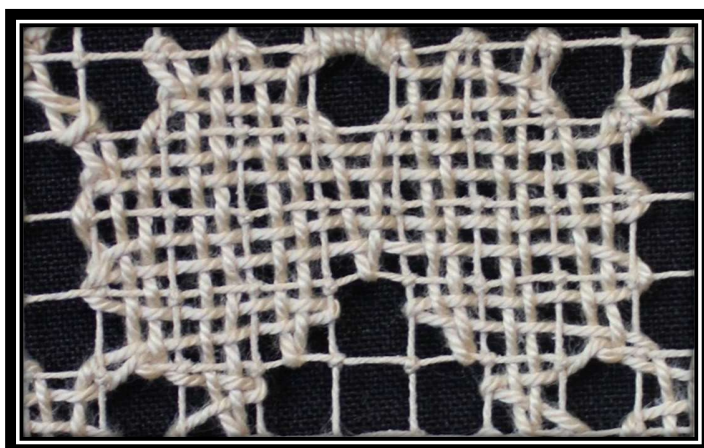
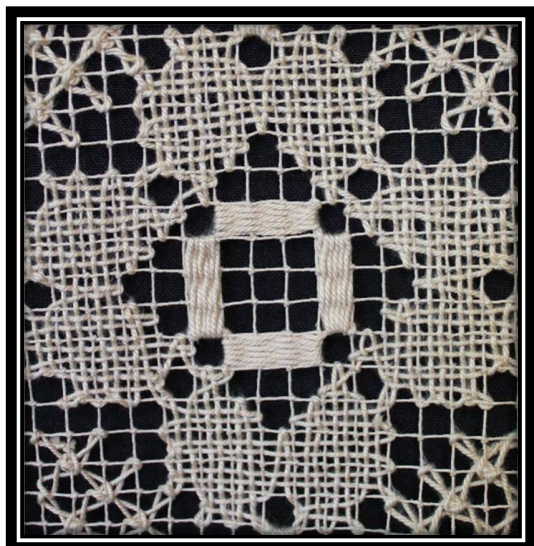
Apesar desta diversidade de pontos, há pelo menos três que são praticamente obrigatórios no filé de Felgueiras: o ponto de recorte, o cheio e o cerjido/cerzido, sendo que uma peça, para ser certificada, tem que ter pelo menos estes 3 pontos (e idealmente, uma maior variedade).



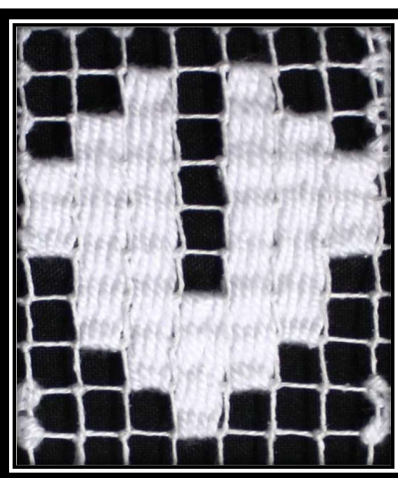
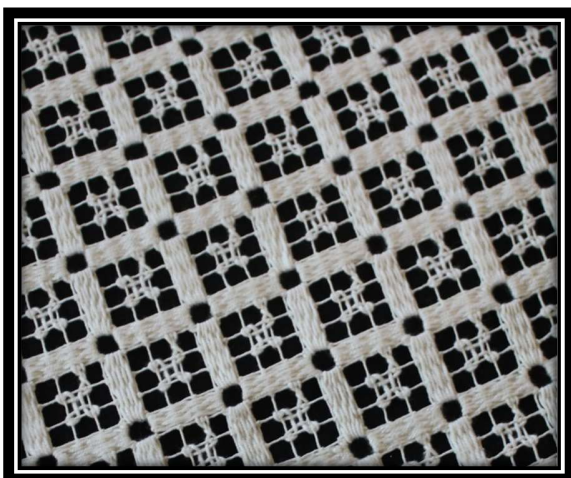
Todos estes pontos concorrem para a composição dos motivos, sendo que a mestria do filé reside na conjugação dos pontos e na obtenção de um desenho esteticamente interessante e elaborado.



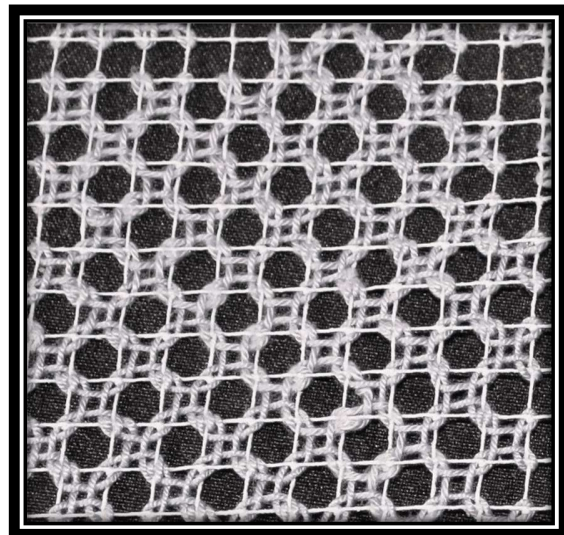
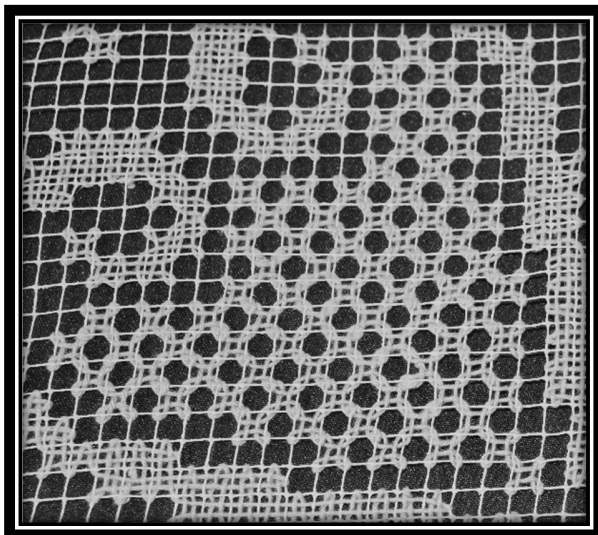
Recorte corresponde ao remate exterior da peça que implica um ponto mais apertado, apanhando o fio do bordado e o fio da rede, rematando o trabalho. Este seria o primeiro ponto que quase todas as bordadeiras aprendiam quando iniciavam a arte



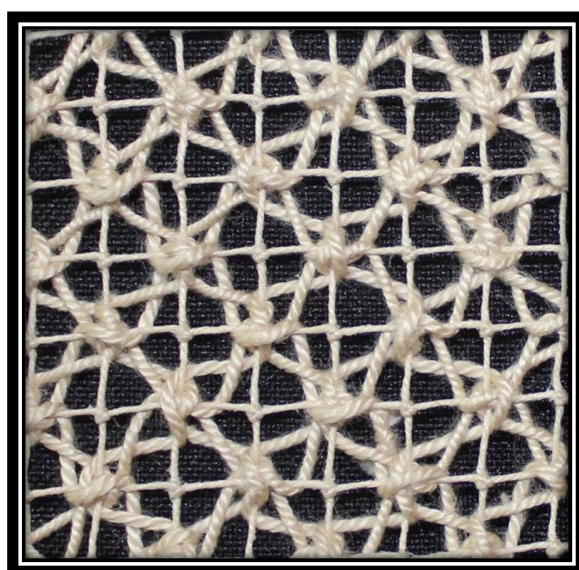
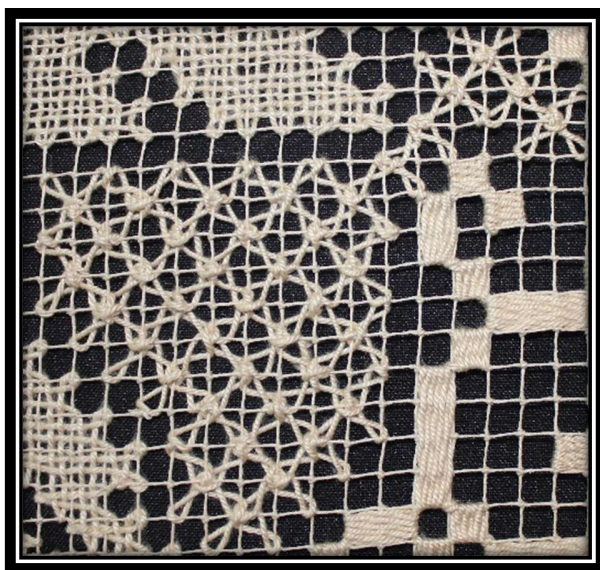
Ponto de cerjido, fetilho ou filé matemático, é um dos pontos mais antigos e mais utilizados.



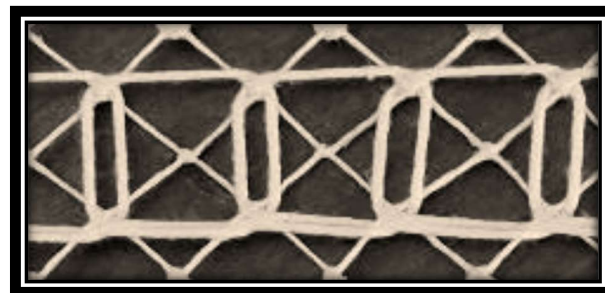
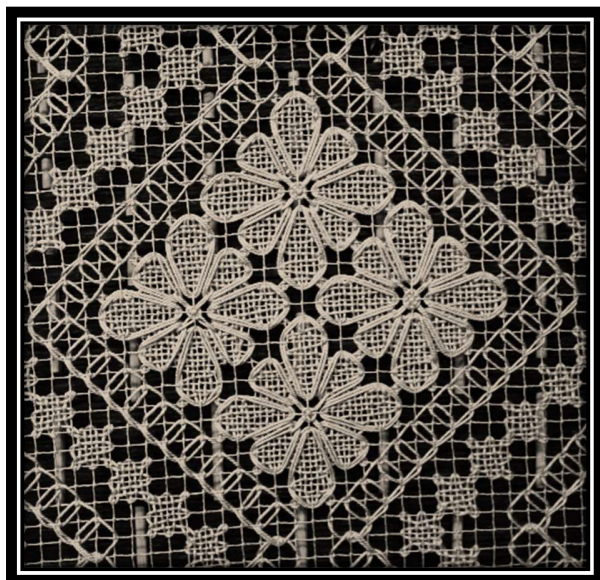
Ponto cheio, filé ou crivo, corresponderá também a um dos pontos mais antigos.



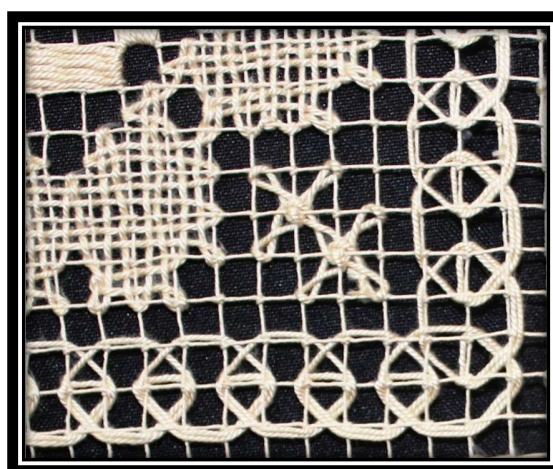
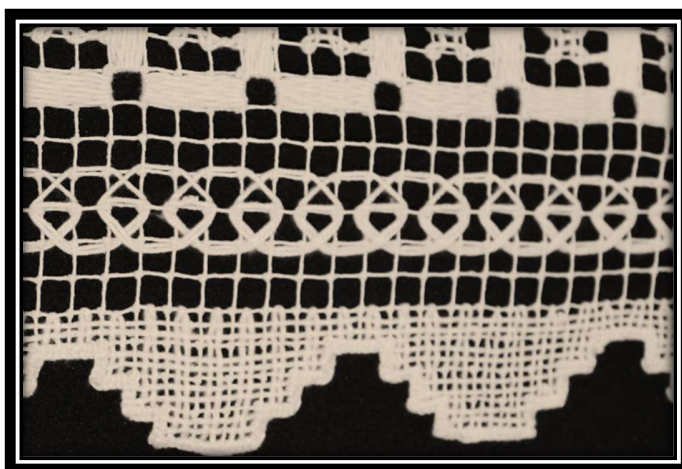
Ponto lérias, revirados, revoltas ou postigos também constitui um dos pontos mais presentes nas peças de filé de Felgueiras.



Ponto russo é um ponto também bastante utilizado.

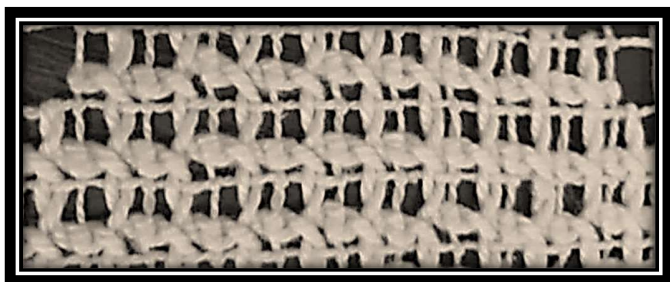


Ponto de cercaduras

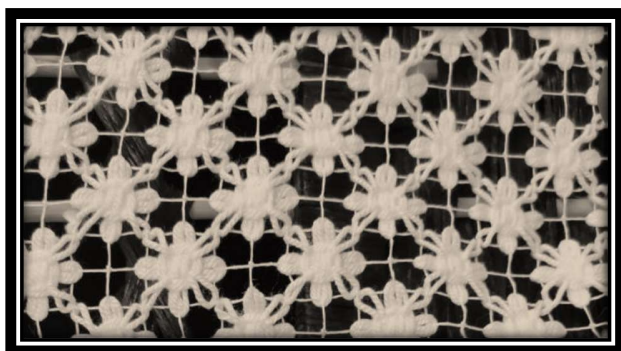


Ponto de pipas

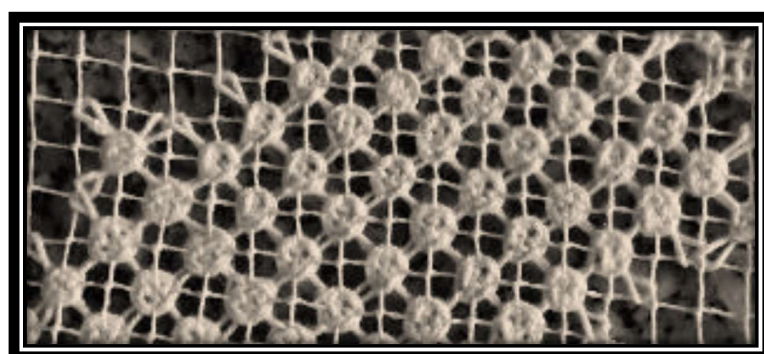
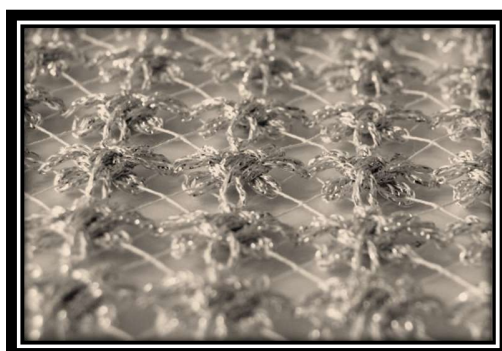
As **cercaduras** e as **pipas** são dois pontos muito idênticos, apenas variando na sua morfologia e são usados na delimitação dos motivos decorativos centrais ou na definição de molduras.



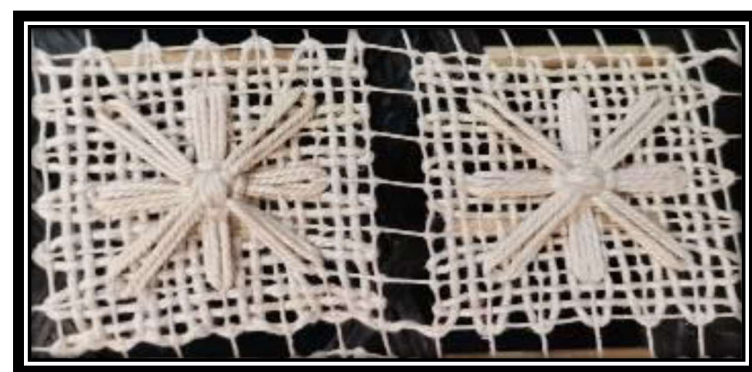
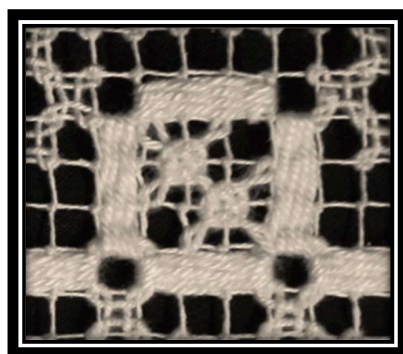
Ponto neve constitui um ponto peculiar e de difícil execução, sendo por isso um ponto muito pouco frequente.



Ponto Tenerife



Ponto olho de rola



Ponto das cruces

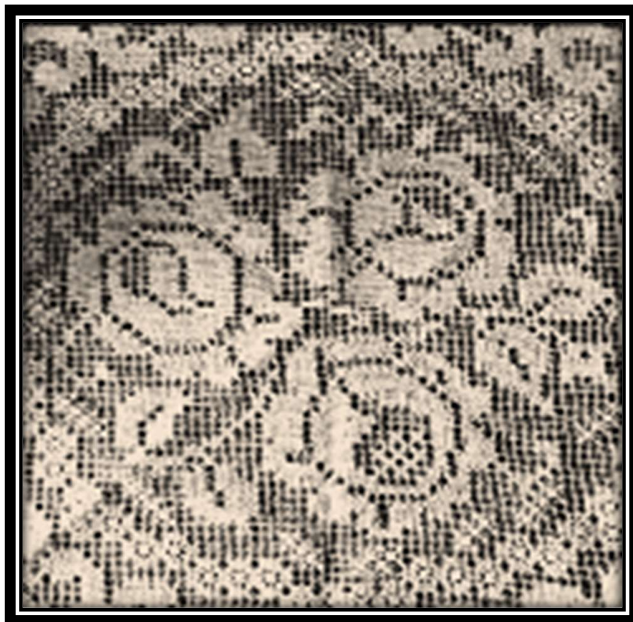
Os pontos - **tenerife**, **olho de rola** e **cruzes** - são pontos mais recentes, talvez já da década de 80 ou 90 do século XX, pelo que não se encontram nas peças mais antigas.

6.2 Motivos

Relativamente aos motivos, o filé de Felgueiras recorre sobretudo a três tipologias, a saber:

- **Motivos FLORAIS E VEGETALISTAS** (rosas, flores variadas, ramos, vasos com flores, folhas, frutas, etc)





Nos elementos vegetalistas, destacam-se as três rosas que, segundo informação das bordadeiras, será um dos motivos mais antigos usados no filé de Felgueiras. Trata-se de um ramo com três rosas cujos centros diferem. Apesar de possuir algumas variantes, este motivo aparece sempre em destaque na parte central da peça associado a motivos de cariz geométricos ou vegetalistas.

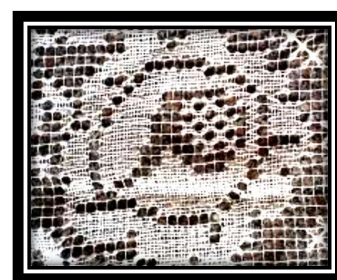
Dada a tradição deste motivo e o seu significado para as artesãs, foi escolhido como mote de inspiração para a criação do logótipo desta IG – Indicação Geográfica – Filé de Felgueiras.



Rosa do cão

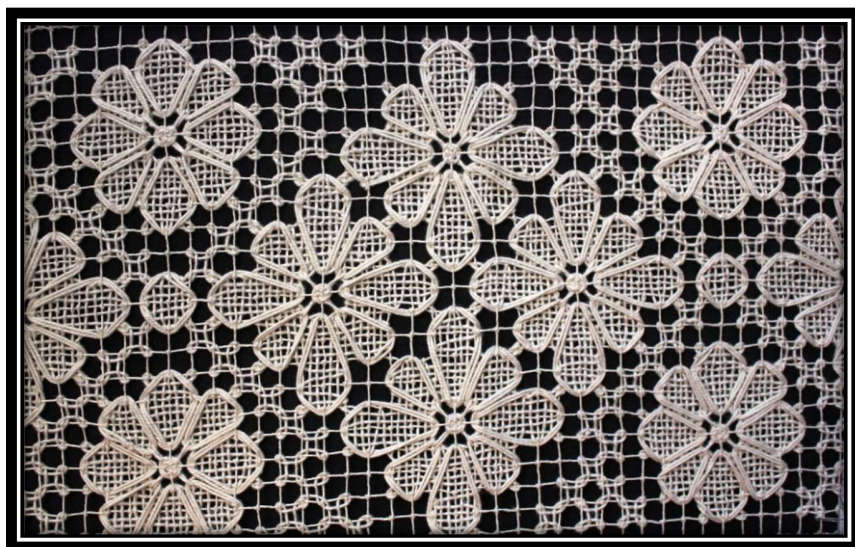


Rosa do bicharoco

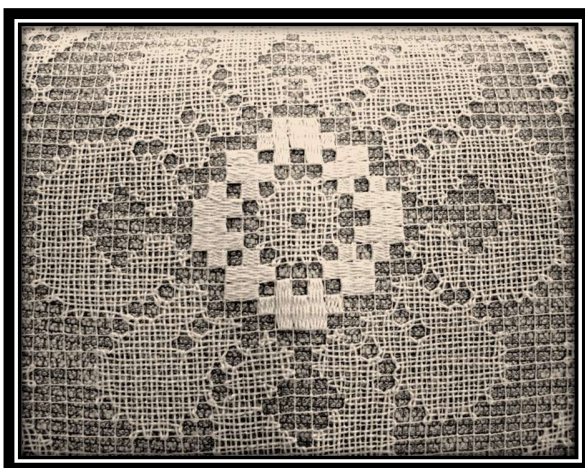
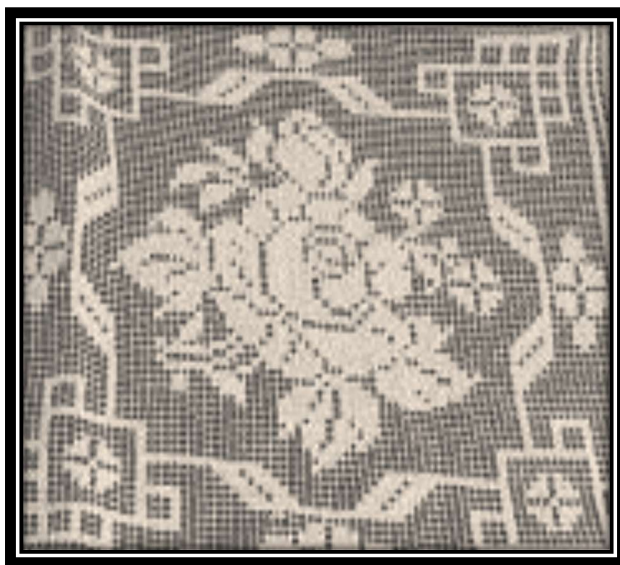
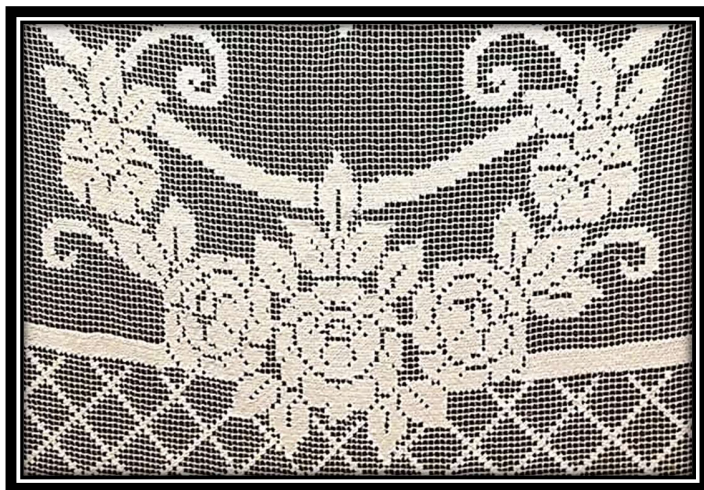


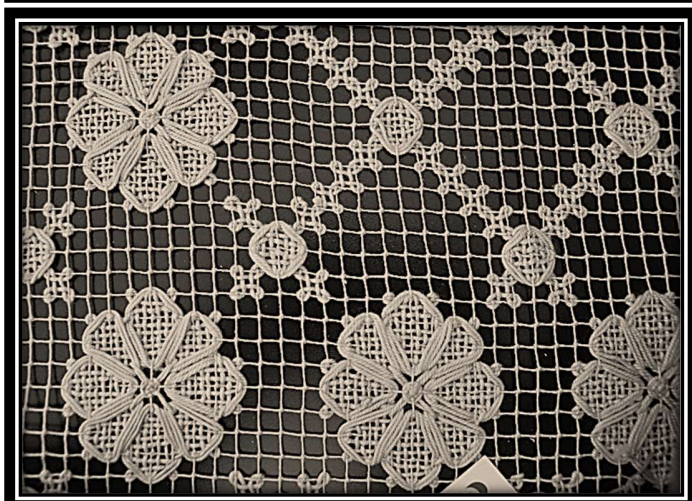
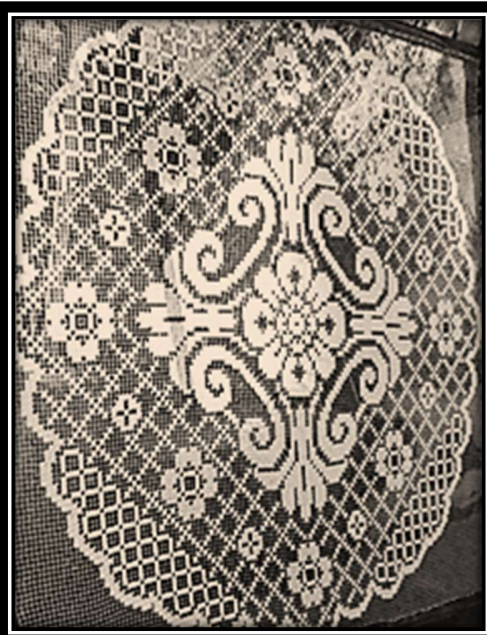
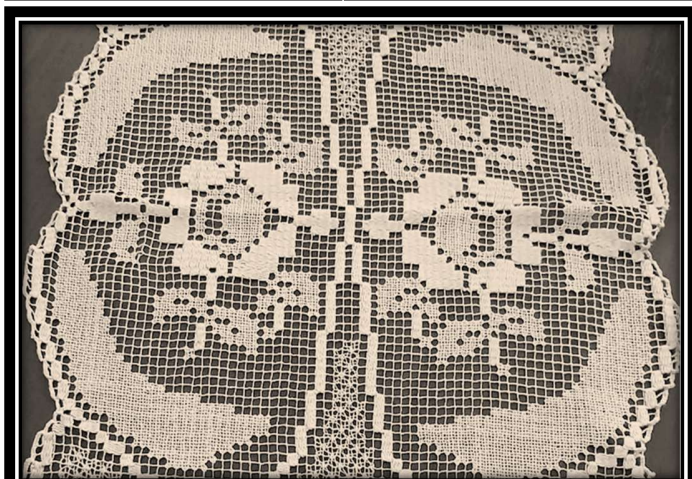
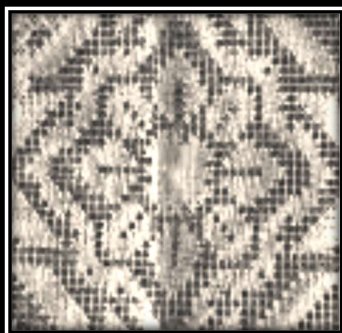
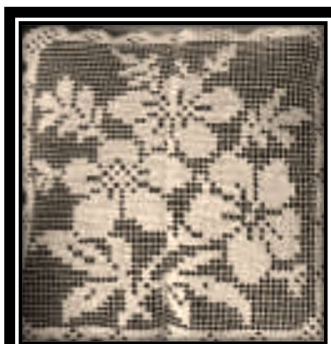
Rosa das casinhas

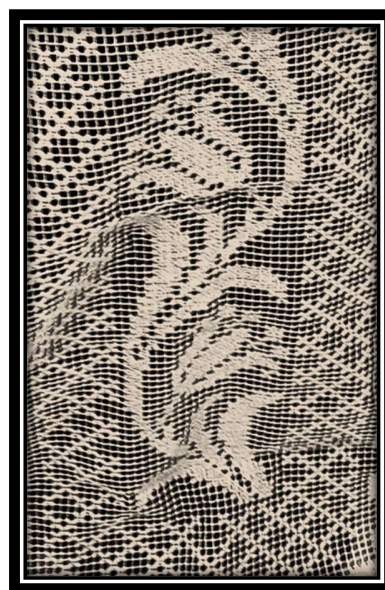
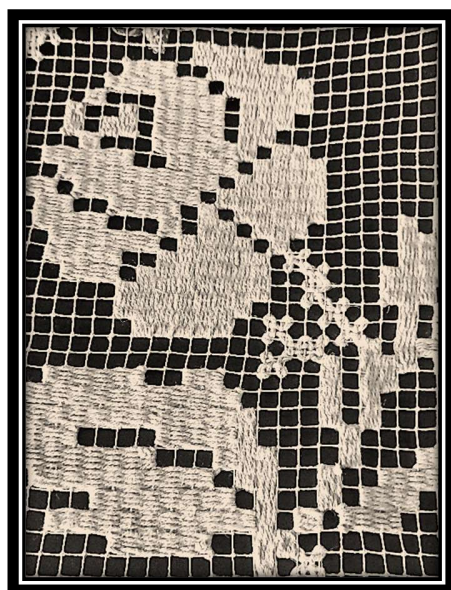
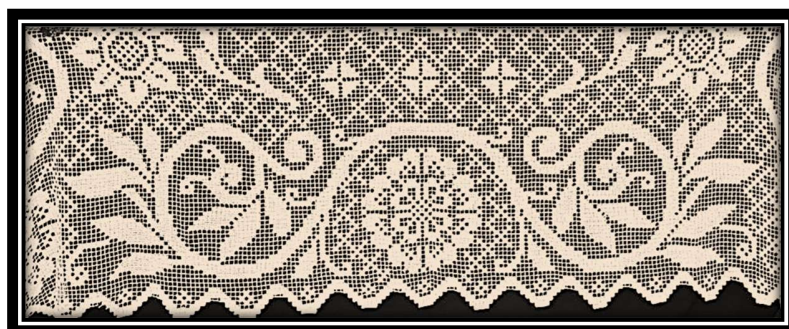
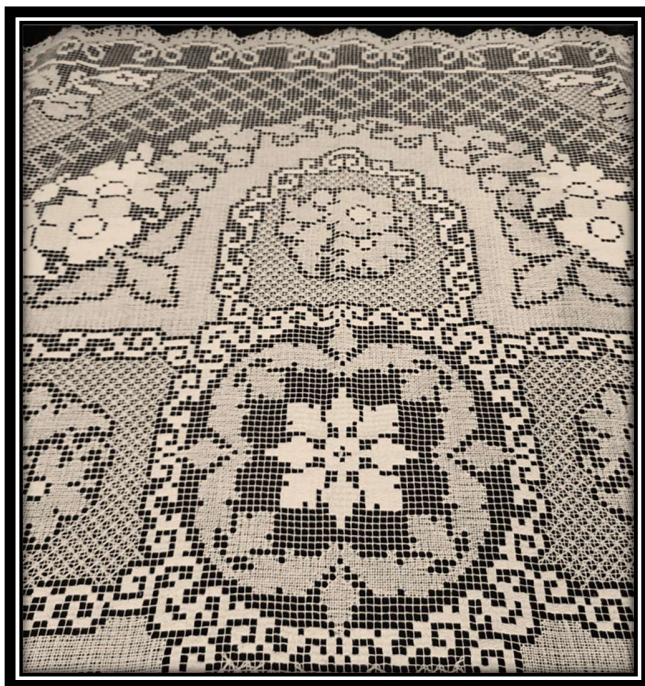
Outra composição floral muito típica do filé de Felgueiras, embora de introdução mais recente, é o florão ou rosa estilizada (conjunto de flores com variadas pétalas, repetidas)



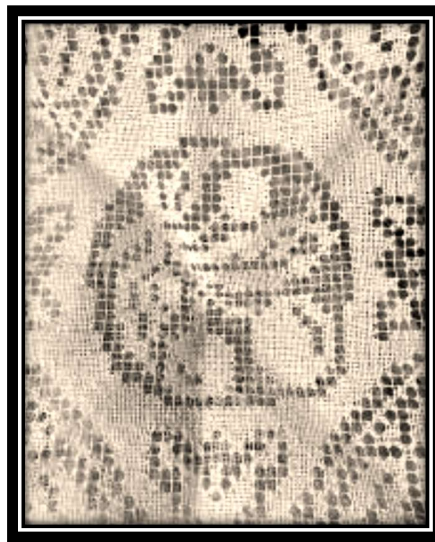
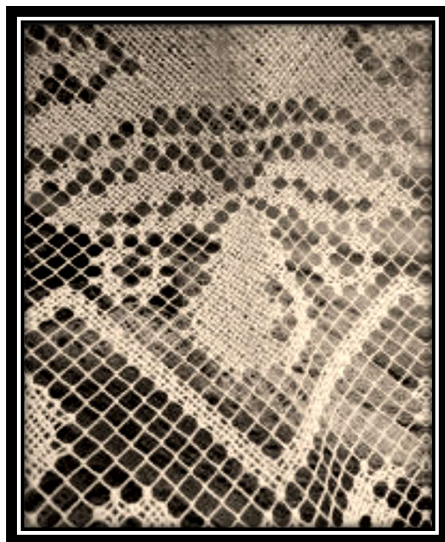
Sem dúvida a panóplia de motivos vegetalistas no filé de Felgueiras é bastante rica e com diversas variantes. Eis algumas abordagens, meramente demonstrativas:





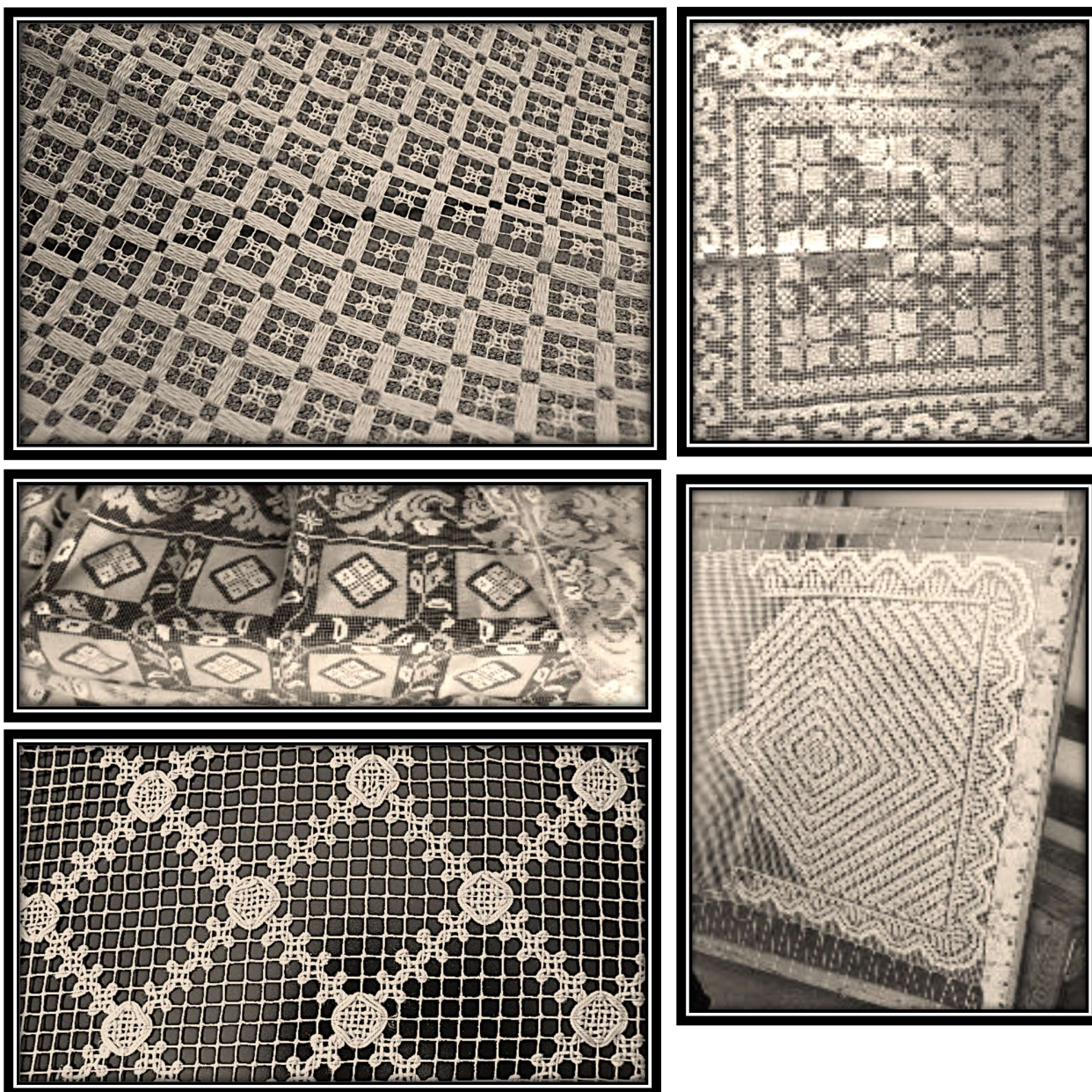


Associados aos motivos vegetalistas, e numa posição secundária no acervo observado, encontramos a representação de frutos e alguns objetos, nomeadamente jarras e cesta(o)s com frutas e flores.

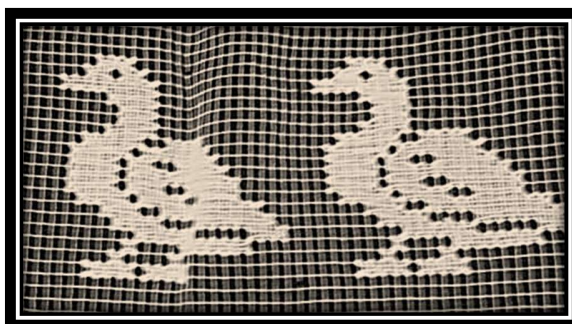
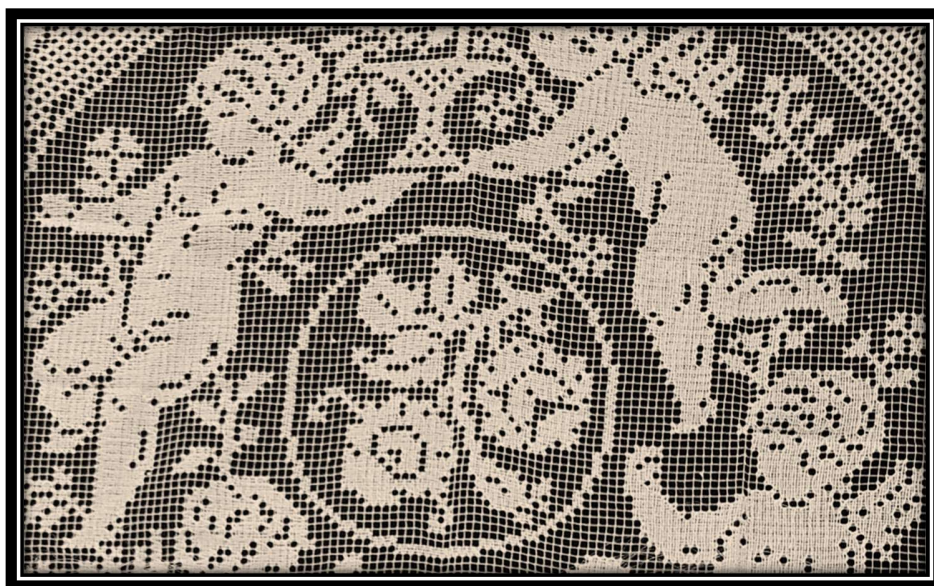


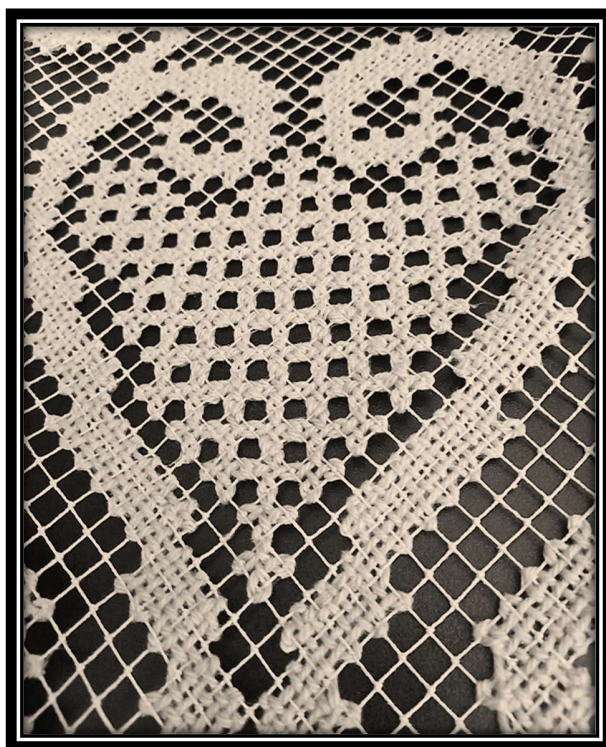
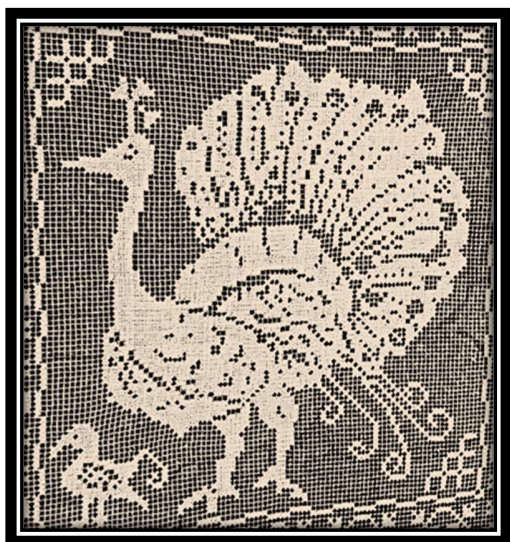
GEOMÉTRICOS (geralmente simétricos na sua composição)

Os motivos geométricos assumem quase sempre um papel secundário como delimitadores dos motivos centrais (quadrados, losangos, elipses, etc.), mas também há algumas composições de repetição que ocupam toda a peça. Para além destas figuras geométricas mais usuais, reconhecemos a construção de triângulos, trapézios e círculos numa posição secundária da peça ou a emoldurar um outro motivo decorativo.

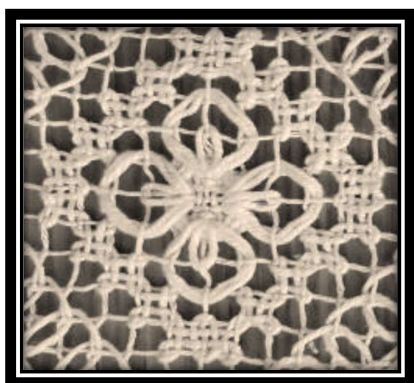


FIGURATIVOS (figuras religiosas, anjos, animais, figuras humanas, corações e objetos)





Embora estas tipologias sejam as mais recorrentes, as artesãs executam composições com desenhos muito variados, tirados da sua imaginação ou então visualizados em revistas (sobretudo de croché). Em conjugação, estes motivos formam várias composições de uma narrativa que as artesãs exprimem na sua rede, havendo elementos que assumem um papel central, os centros da peça, e outros um papel secundário, sendo colocadas nas barras e nos espaços que ladeiam o motivo central.



A designação local de alguns motivos bordados empregues no filé de Felgueiras, sugerem-nos uma apropriação popular do seu glossário. Estamos a referir-nos às **piascas** ou **pochequinhãs**. Trata-se de um ponto/motivo secundário que cumpre o papel de ocupar/preencher espaços vazios ou o interior de elementos geométricos.

7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

Dada a forma como, ao longo dos tempos, se produz o filé (em Felgueiras ou noutra qualquer parte do mundo), não fará sentido falar-se de inovação no seu processo de produção. O “mobiliário” utilizado na feitura da rede, a moldura, os pregos e os ferrinhos e agulhas não afetam propriamente, a manufatura do filé.

Os pontos e, mais importante que os pontos (que se podem utilizar em outros núcleos de produção), a forma como esses pontos são escolhidos, combinados e organizados tendo por base um determinado desenho ou motivo, são os elementos que influenciam a tipologia tradicional do Filé de Felgueiras. Assim, são as composições criadas e o modo como se definem e organizam, que distinguem a produção de Felgueiras.

Dito isto, é importante referir que o afastamento da gramática decorativa recolhida neste caderno de especificações e que define a tipologia tradicional do Filé de Felgueiras, torna difícil o reconhecimento e implícita certificação da produção. Alterando-se o que esta produção tem de singular e que a diferencia técnica e esteticamente, perde-se o vínculo identitário ao centro produtor e descaracteriza-se a produção deixando a mesma de poder ser associada a um determinado território - Felgueiras e não podendo, assim, ser certificada.

Assim, a abertura à inovação nesta produção é possível sempre que os pressupostos acima referidos sejam tomados em conta.

Quanto aos fios têxteis utilizados, e como atrás foi dito, eles podem ter espessuras e composições variadas, sendo possível introduzir novos fios têxteis para além do habitual fio de algodão mercerizado usado quase exclusivamente na atualidade. O fio de linho, o fio de seda ou os fios sintéticos são também admitidos em sede de certificação, desde que seja garantida a ligação à tipologia característica do filé de Felgueiras. A utilização de fio de lã, fios metalizados ou outros que enformem projetos de inovação no filé deverá ser submetida à apreciação da Comissão de Acompanhamento, grupo que auxilia o Organismo de Certificação na tomada de decisões, para que seja validado e aprovado o procedimento.

A espessura do fio pode-se situar entre o nº 100 (para trabalhos mais finos e miúdos) e o nº 12 para trabalhos mais grosseiros e de desenho menos pormenorizado. Também se utilizam os fios nº 8 e 5 para fazer os contornos, realçando alguns motivos.

De salientar que a rede nunca deverá ser muito larga, no sentido de permitir que o desenho “bordado” seja da tipologia dos observados tradicionalmente no filé de Felgueiras (e não se confunda com motivos muito grandes e pouco pormenorizados executados noutros países, nomeadamente no Brasil).

Também no que se refere aos fios utilizados, não há qualquer restrição ao uso da cor, quer na rede, quer no “bordado”, desde que seja observado o princípio do monocromatismo.

Para que uma peça possa ser certificada e para além do descrito nos parágrafos acima, é obrigatório que na mesma estejam presentes, no mínimo e com relevância significativa, os três pontos mais emblemáticos deste centro produtor, a saber: o ponto de recorte, o cheio e o cerzido/cerjido (e idealmente, uma maior variedade).

Uma vez que a produção de Filé de Felgueiras pode ter diversas vertentes, a diferenciação das peças deverá obedecer a uma das seguintes categorias, que deve ser explícita na etiquetagem das peças certificadas:

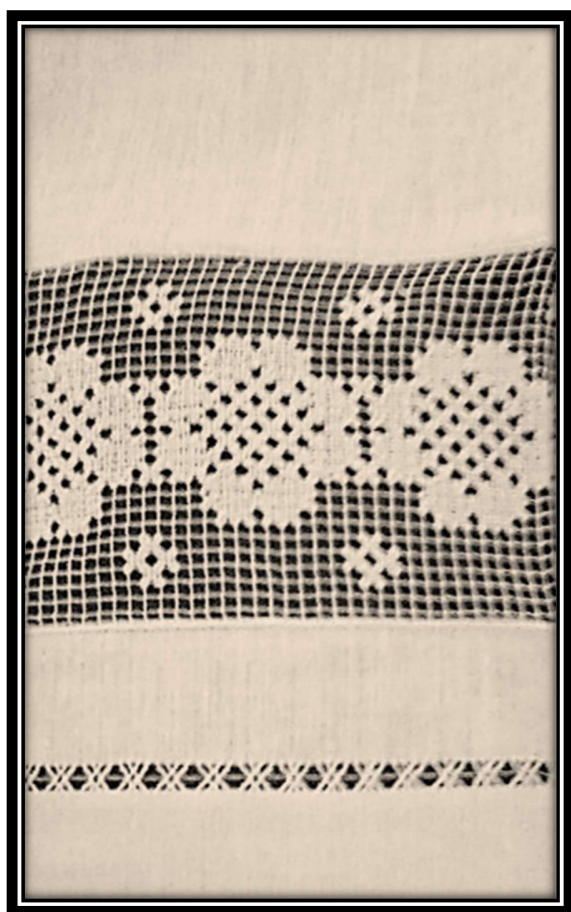
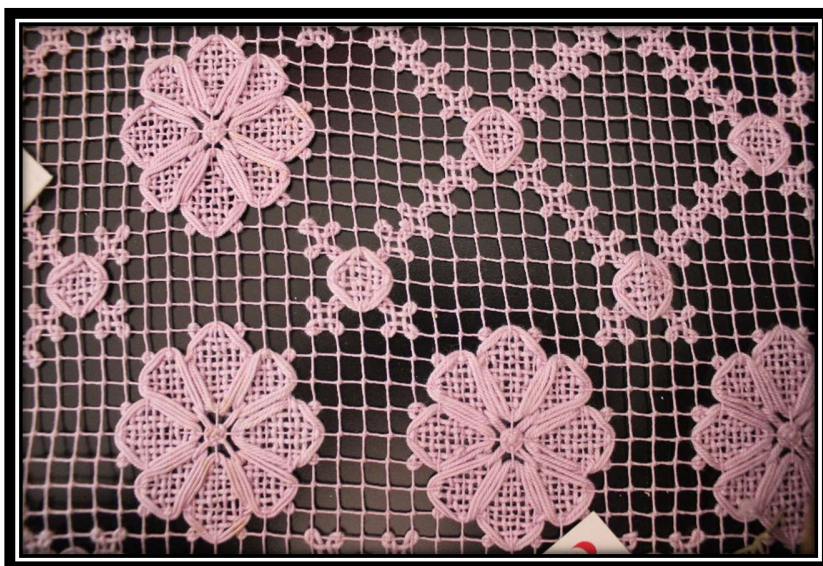


- Filé tradicional

(para peças da tipologia tradicional de Felgueiras);

- Filé contemporâneo

(para peças com introdução de aspetos inovadores, mas que respeitem o vínculo ao centro produtor de Felgueiras);



- Filé de aplicação

(para peças que possuam uma aplicação em filé; não é a peça toda que é certificada, mas sim a aplicação em filé).



BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, Helena (1945) - As Lindas rendas portuguesas também têm a sua história. In: *Estremadura: Boletim da Junta de Província*. Nº VIII, Série II. pp. 143 - 150
- BROWNE, Claire (2004) – *Lace from Victoria and Albert Museum*. Londres: V&A Publications.
- CARITÀ (1909) - *Lacis: practical instructions in filet brodé or darning on net*. Londres: Sampson Low; Marston & Co. Ltd.
- DILLMONT, Thérèse (1886) - *Encyclopédie des ouvrages de dames*. Alsace: Thérèse de Dillmont.
- DILLMONT, Thérèse (1900) - *Le Filet Brodé*. Mulhouse: Thérèse de Dillmont.
- DILLMONT, Thérèse (1923) – *Filet-Guipure*. Mulhouse: Thérèse de Dillmont.
- EARNSHAW, Pat (1980) - *The Identification of lace*. [S.l.]: Shire Publications.
- INGRAM, Caroline Patience (1922) - Point Compté or Lace Netting. In: *The Connoisseur*, 62. pp. 92–94.
- JOURDAIN, M. (1904) - Drawn Thread Work and Lacis. In: *The Connoisseur*, 10. pp. 235–237.
- LEVEY, Santina, M. (2002) – Lace in the early modern period: 1500-1780. In: *The Cambridge history of western textiles*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 585-596.
- MAGALHÃES, M.M de S. Calvet (1995) – *Bordados e rendas de Portugal*. Seixal: Edição Assírio Bacelar. (Coleção Outras Obras).
- PIRES, Ana (2006) - *Bordado da Terra de Sousa: o engenho e a arte*. Felgueiras, Casa do Risco.
- QUINAULT, Marie-Jo (2003). *Filet Lace: introduction to the Linen Stitch*. Victoria BC: Trafford.
- SILVA, Paulo Fernando Teles de Lemos (2006) - *Bordados Tradicionais Portugueses*. Braga: Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado em Design e Marketing.
- SOUSA, Hermínio Soares da Costa (1914) – Indústria das rendas. In: *Boletim do trabalho industrial*. Nº 94. Lisboa: Imprensa Nacional.

VAVASSORE, Giovanni Andrea (ed.) (1530) - *Opera Nova Universali Intitulata Corona di Racammi*.
Veneza: Giovanni Andrea Vavassore.

VENCIOLO, Federico (1588) - *Les Singuliers et Nouveaux Portraits* (...). Paris: Jean Le Clerc.